

Relatos como esse podem não ser espetaculares — pois geralmente tratam de coisas sem importância —, mas quando tomados no conjunto constituem poderosa prova de sobrevivência humana após a morte do corpo. Diz Wilson Knight: “Não há teoria do ‘inconsciente’ que explique essas mensagens”, o que é a pura verdade. No caso acima, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas teria obtido declarações assinadas de todas as pessoas envolvidas, e teria considerado a história como comprovada. E não vejo como os céticos poderiam achar defeito no caso todo. Só se supusessem um conluio em massa entre o médium, o assistente de laboratório, os vizinhos, o Prof. Dobrée e Wilson Knight. Ocorre que esses casos são tão frequentes nos registros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas que é certamente mais lógico aceitar os fenômenos como legítimos. Quer estejamos, quer não estejamos preparados para atribuir grande importância à “sobrevivência”, o fato é que se trata de algo definitivamente comprovado. Dedicó as últimas páginas deste livro a uma discussão sobre a suprema importância de outra vida.

A respeito do assunto, o próprio Wilson Knight reconhece: “Tendo visto provas suficientes para me convencerem da existência de poderes que podem ajudar em alguma coisa, hoje em dia não estou mais ansioso por ‘mensagens’. Meu principal interesse talvez seja por comunicações do espírito de alguma personalidade que fale através de um médium em transe. As melhores dessas comunicações trazem a marca exterior de sua autoridade: no uso e na harmonização do tom de voz, na postura física, nos gestos e na gramática, equiparam-se aos nossos maiores expoentes do púlpito ou do palco, se é que não os superam”.

Depois da morte da mãe, Caroline, em 1950, JK recebeu mensagens transmitidas por ela através de uma médium sul-africana, Margaret Lloyd. (JK estava em Londres quando Caroline Knight “comunicou”.) Ele afirma: “Eu havia cuidado dela durante suas últimas semanas de vida, e agora ela transmitia mensagens em termos minuciosos e íntimos a respeito de sua morte e outras coisas relativas à família dela”. Uma das mensagens africanas mencionava uma taça de prata com sua respectiva história, que JK supunha ser capaz de identificar. Antes de ser executado, Carlos I fez sua última comunhão pelas mãos do Arcebispo Juxon, e duas taças de ouro ou prata foram usadas no ato. Segundo uma tradição familiar dos Knights essas taças haviam passado para uns ancestrais na Jamaica, e no batismo de Caroline Knight a água teria sido retirada de uma das taças. Wilson Knight contratou um pesquisador, R. S. Forman, para ver se conseguia descobrir alguma referência às taças em documentos familiares. Mas não se encontrou menção em vários testamentos consultados, e começaram a crer que os objetos representariam um mito. Mas Caroline Knight continuava a insistir, através de médiuns, que as taças realmente existiam. Em abril de 1951, Wilson Knight participou de uma sessão em que a médium era a Sra. Nella Taylor. Ela apontou para ele e disse que via um vulto de capuz vermelho, tipo Oxford, empunhando um rolo de pergaminho apontado para ele. Wilson Knight achou que se tratava de

um testamento. Dias depois, recebeu uma carta entusiasmada do pesquisador. Encontrara um testamento que provava a existência das taças “que antes pertenciam ao Arcebispo Juxon”. Haviam sido deixadas como herança para um ancestral dos Knights, Samuel Jackson — que, por estranho que pareça, estivera em Oxford. O vulto de capuz vermelho aparecera no momento em que a notícia do testamento saía da Jamaica para Londres.

“Talvez a mais surpreendente de todas as minhas experiências”, escreve Wilson Knight, ‘tenha ocorrido quando pensei que estava sendo aconselhado, através da Sra. Gwen Jones, na Igreja de Exeter, a não ir à Cidade do Cabo em 1952 para uma conferência. Não conseguia entender. Mas a confusão só foi devida a mim mesmo. A mensagem só falava em “viajar para o exterior”, e me esquecera de que eu estava procrastinando também uma oferta para assumir um cargo permanente de professor de teatro na Universidade da Califórnia. Ainda angustiado, procurei um círculo de Exeter. Com alguma dificuldade e uma sensação de grande tensão e premência, a minha mãe mesma “controlou” a médium, Dorothy Perkins — só fizera isso uma vez antes —, dizendo bem devagar: “Quero que você vá para a África do Sul. Não para os Estados Unidos. Mas antes deixe tudo arranjado com relação à casa”. Tudo se esclareceu. Eu e meu irmão estávamos comprando uma casa, e teria sido imprudente assumir o compromisso da universidade norte-americana. Convincente demais foi a sensação de premência com relação a um importante problema familiar, que fez minha mãe se esforçar tanto para acertar as coisas’.

Wilson Knight conhecia bem a John Cowper Powys. Num prefácio à edição de 1960 de *Wolf Solent*, escreveu Powys: “Seja o que for a morte, e nenhum de nós em verdade a conhece, cheguei à conclusão pessoal de que quando eu morrer será o fim completo e absoluto de mim (. . .)” Morreu em 17 de junho de 1963, aos 90 anos. Um mês depois, Frances Horsfield, médium de Bideford, Devon, dirigiu-se a Wilson Knight durante uma apresentação realizada na Igreja de Exeter. Havia um homem de pé ao lado dele: “Tem traços magros, os ossos da maçã do rosto são altos e o cabelo revoltado. É uma personalidade. É difícil me aproximar dele. Praticamente me controla [falando através dela], mas eu não quero isso. Foi um ocultista, e sabia tanto quanto todas as pessoas a respeito da continuidade da vida (. . .) Ele escrevia, não é verdade?” Wilson Knight respondeu afirmativamente. A médium perguntou então: “Posso ir para Gales?” — confirmando a suspeita de que se tratava de Powys. A médium prosseguiu: “Ele está tão perto de você. É estranho que você mesmo não o sinta. . . O poder dele é tão forte que você poderá muito bem vê-lo um dia. . . Tem um sorriso amável, e uma boca grande, com dentes alvos. Está agradecendo pelo que você fez por ele, e em troca deseja ajudá-lo. . .” Em seguida, a médium acrescentou que Powys tinha “nariz aquilino”. Ela mesma jamais lera os livros de Powys, mas repetiu que seu poder era o maior que já sentira. Quando Wilson Knight lhe disse que Powys havia discutido o problema da vida após a morte em seus livros, optando finalmente pelo ceticismo em relação ao fim, ela comentou: “Agora, pelo menos, ele o conhece”.